



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

28 de fevereiro de 2026

## Sessão de curtas-metragens com projetor na sala

Aprox. 60 min | sem diálogo | M/6

Sessão integrada no ciclo

**UMA CINEMATECA EM CHAMAS – HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJEIONISTAS**

Performance por **Leonor Cabral** em colaboração com o festival **Play**

Acompanhado ao piano por **Catherine Morisseau**



Uma sessão recheada de surpresas e peças raras. Um projetor na sala para vermos filmes como foram vistos pela primeira vez em sessões de cinema ambulante nos recantos mais remotos do mundo, incluindo lugares e aldeias de Portugal. Neste passeio pelo passado do cinema, pela mão da atriz Leonor Cabral, vamos também visitar o cinema doméstico e ver filmes dos anos trinta do século passado que contam histórias tradicionais com as crianças e os animais da família e vamos imaginar que estamos confortavelmente sentados na sala de estar a projetar e a ver os filminhos domésticos dos primos, seguidos de filmes comerciais que se compravam em pequenos cartuchos, como os filmes de Chaplin. Tudo acompanhado ao piano!

### **PELA PRIMEIRA VEZ**

**POR PRIMEIRA VEZ** de Octavio Cortazar, Cuba, 1967 | 9 min | cópia 35 mm | legendado em português

Dois anos antes da chegada do Homem à Lua, 1967 foi o ano da chegada do cinema à aldeia rural de Munos, em Baracoa, Cuba. A 12 de Abril, a comunidade local de camponeses, mais de uma centena de velhos, adultos e crianças reunidos em frente a uma tela em ambiente escuro, assiste pela primeira vez à projecção de um

filme. De um belo filme, OS TEMPOS MODERNOS de Charles Chaplin, levado até eles por uma das Unidades Móveis de Cinema criadas pelo ICAIC no pós-revolução cubana para projectar filmes em lugares remotos do território de Cuba onde até então o cinema nunca havia chegado. POR PRIMERA VEZ é o registo desses acontecimentos, documenta a reacção de um grupo de espectadores particular pela inocência do olhar perante imagens em movimento, uma experiência quase aproximável da dos primeiros espectadores das sessões do cinematógrafo Lumière a partir da projecção inaugural de Paris em 1895.

Maria João Madeira | Cinemateca

### **O CAPUCHINO VERMELHO**

de Frederico Oom, Portugal, 1937 | 14 mm | Cópia digital com intertítulos em português

### **MAGUI E MANUEL EM A GATA BORRALHEIRA**

de Frederico Oom, Portugal, 1938 | 6 min | Cópia digital com intertítulos em português

“O nosso avô fizera os filmes, inicialmente, para entreter os próprios filhos, que eram os protagonistas e atuavam nos próprios espaços onde viviam. Contava com o imprescindível apoio da nossa avó, que confeccionava laboriosamente todos os trajes. Até o lobo do Capuchinho Vermelho era o cão da quinta, grande apreciador de queijo, que era fácil de atrair até à menina incauta, pois ela levava no cesto um pedaço dessa iguaria.”

Ana Ulrich

### **RUA DA PAZ**

EASY STREET de Charles Chaplin, EUA, 1917 | Cópia digital com intertítulos em português

Charles Chaplin, também conhecido em Portugal e em outros países como Charlot (diminutivo francês de Charles), é sem dúvida a mais célebre figura de toda a história do cinema e uma das figuras mais célebres do século XX, com o seu bigodinho, o seu andar de pato, a sua bengala e o seu chapéu de coco, que compõem a figura do vagabundo que encarnou em quase todos os seus filmes. Em EASY STREET - uma de entre as mais de sessenta curtas-metragens que realizou entre 1914 e 1920, antes de enveredar pelas longas-metragens - Charlot, desempregado, torna-se, surpreendentemente, polícia, um polícia desastrado, que usa o seu cassetete como o vagabundo usava a sua célebre bengala.

Equipa da Cinemateca Júnior

---

**Leonor Cabral** é licenciada em Teatro – Formação de Atores (ESTC), mestre em estudos de Teatro pela FLUL e pós-graduada em Artes da Escrita, FCSH. Encontra-se atualmente a frequentar o Doutoramento em Estudos de Teatro e Performance, FLUL. Trabalha como atriz, criadora e mediadora cultural. Criou os seguintes espetáculos de teatro: *Quando as luzes se apagam* (2017); *Atmosfera* (Vídeo performance, 2021); *Ciclone* (2022); *Caravela* (2023), *Benfornoso* (2024) e *O ano em que a minha mãe foi à União Soviética* (2025). Concebeu também as seguintes visitas performativas: *Histórias Moidas* (Fábrica da Moagem), *Pó de Palco* (Teatro Micaelense), *Proibido Calar Cartazes* (Culturgest) e *Surreal – sismos* (Galerias Millenium).

**Catherine Morisseau** é pianista e compositora parisiense residente em Lisboa há mais de duas décadas. Estudou piano desde os 8 anos de idade com a pianista Colette Maze no Conservatório de Bagneux e na Ecole Normale de Musique de Paris, em paralelo com um mestrado de Concepção e Realização de Projetos Culturais e de uma licenciatura de História da Arte, ambos na Sorbonne. Depois de se radicar em Portugal, estudou também no Hot Clube e participou em vários projetos, para finalmente se dedicar à composição enquanto pianista. Gravou dois discos em nome próprio: o primeiro, *Myriades*, esgotado, e o segundo, *Jardins Secretos*, que será lançado em breve, que recebeu o apoio da Sociedade Portuguesa de Autores e que junta piano, electrónica, electro-acústica, gravações de campo, entre outros. Outra vertente do seu trabalho é o acompanhamento ao piano de filmes mudos: É pianista residente na Cinemateca Júnior há mais de 15 anos, onde compõe músicas para filmes mudos que improvisa ao vivo no piano. Participou em vários festivais, entre

os quais o Festival de Sintra, Festival Todos, Salão Piolho, Largo do Intendente, e o seu projeto de Piano Itinerante foi alvo de uma grande reportagem (Linha da Frente, RTP1) em 2023.

**Frederico Jorge Oom**, a quem tenho o orgulho de chamar de avô, nasceu no virar do século XX, em 1899, na cidade de Lisboa, onde faleceu em 1970. Ainda hoje tenho dificuldade em entender como o meu avô conseguiu fazer tanto durante uma vida que, pelos critérios de hoje, não foi longa. Frederico Oom passou parte da infância na Tapada da Ajuda, onde seu pai era Diretor do Observatório Astronómico de Lisboa. Frequentou o Liceu da Lapa e o Liceu Pedro Nunes. O mais velho de cinco irmãos, e porventura por essa razão, foi convidado pelo seu avô materno, Jorge Abraão de Almeida Lima, a viver com ele na Quinta do Lameiro, em São Domingos de Benfica, propriedade onde mais tarde vem a casar, a constituir família e a viver até ao fim dos seus dias. Jorge de Almeida Lima era um apaixonado pela vida e versado em muitas artes, entre elas a fotografia, de que tinha um laboratório profusamente equipado em sua casa. De entre muitos outros interesses, foi do seu avô e “Mestre” que Frederico Oom aprendeu o gosto pela fotografia. Em 1917, matricula-se no Instituto Superior Técnico, onde conclui os cursos de Engenharia Mecânica e de Engenharia Eletrotécnica. Ao longo de anos, foi convidado para Assistente de inúmeras cadeiras lecionadas nessa douta Instituição, da qual foi nomeado Professor Catedrático em 1947. Em 1928, entra para o serviço da rede elétrica das Companhias Reunidas de Gás e Eletricidade, onde orientou a construção de inúmeras linhas de alta tensão e dirigiu a construção da então nova fábrica de gás da Matinha, tendo sido elevado à função de Diretor das referidas CRGE. Fez várias viagens a países europeus, sobretudo a França, a fim de tomar conhecimento dos diferentes progressos realizados na técnica das suas especialidades. Ao longo da vida, publicou vários artigos sobre assuntos técnicos em revistas e jornais, e foi colaborador da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Os cargos de elevada responsabilidade que ocupou não o impediram de gozar outras coisas boas da vida, dedicando-se nos tempos livres a desportos ligados à natureza, como a caça e a pesca. Fazia criação dos seus próprios cães de caça, da raça Épagneul Breton, premiados com inúmeras taças em exposições da especialidade. Praticou também automobilismo, outro desporto que lhe granjeou numerosos prémios. Dedicou-se com entusiasmo à fotografia e ao cinema amador, tendo os seus trabalhos sido expostos em numerosos salões e exposições, e os seus filmes alcançado honrosas classificações nos certames da especialidade a que concorreu. Um ser humano preocupado com o próximo, sobretudo com os mais necessitados, um marido apaixonado e um pai e avô extremoso, a família e os amigos ocupavam um lugar cimeiro na sua vida, sendo de todos amado e respeitado, inclusive por aqueles que para ele trabalhavam. Os filmes a cujo lançamento, para nossa grande alegria, a Cinemateca Júnior vai proceder fazem parte do nosso imaginário coletivo de netos. Em tardes chuvosas de inverno, quando víamos o avô Frederico montar o grande ecrã, mandado vir de França, sabíamos que era dia do nosso programa favorito. Logo nos sentávamos todos no chão, ansiosos pelo início da projeção dos filmes em que contracenavam, enquanto jovens, as nossas mães e pais, os nossos tios e tias, e em que reconhecíamos os locais da nossa infância. Com efeito, o nosso avô fizera os filmes, inicialmente, para entreter os próprios filhos, que eram os protagonistas e atuavam nos próprios espaços onde viviam. Contava com o imprescindível apoio da nossa avó, que confeccionava laboriosamente todos os trajes. Até o lobo do Capuchinho Vermelho era o cão da quinta, grande apreciador de queijo, que era fácil de atrair até à menina incauta, pois ela levava no cesto um pedaço dessa iguaria. Aos 16 anos, perdi um avô que me ensinou o significado do amor e da amizade, da dignidade e do respeito, do trabalho honesto e responsável, da coragem, da liberdade e da aventura, mas também da saudade que não tem fim.

Ana Patrícia Oom Horgan Ulrich

